

## Shallow Hal – O Amor É Cego

Eu e você estamos longe, muito longe, de ser genuínos. Resignámo-nos a valores artificiais, que contrariam a nossa natureza. É discutível que tudo resume à visão de George Orwell, no livro *Animal Farm*, mas é um facto que chegámos ao extremo de desaprovar o cheiro dos nossos próprios sovacos - uns oásis feromónicos, com uma concentração de químicos sexuais por gota, equivalente a muitos litros de perfumes comerciais.

Por algum motivo, esta renúncia chegou a tudo o que é elementar e biológico: os espermatozóides tentam fertilizar muros de latex, os seios são esculpidos com bolas de gel, os cabelos são estimulados com aminexil, os dentes são descalcificados para não serem amarelos, e - tenho que ser directo, pois há que cumprir um orçamento de 3000 caracteres - vende-se constantemente a ideia de que ser gordo é mau, porque é feio, e porque não é saudável. Tretas.

É precisamente sobre estas tretas que trata o filme *Shallow Hal* (SH), que em Portugal tem o título «O Amor é Cego». SH não é um documentário sobre a farsa com que pactuamos todos os dias, mas antes uma comédia - daquelas que fazem rir.

Hal (o actor Jack Black) é um fulano pejado de desejo não concretizado, impaciente para inverter essa situação, tal como o seu amigo Maurício (Jason Alexander). Depois de ser agraciado com o dom de ver a beleza interior das pessoas literalmente traduzida no seu aspecto físico, Hal começa a relacionar-se com senhoras que, aos seus olhos, são o extremo do encanto mas que na perspectiva de terceiros não têm nada a ver com o arquétipo de Vénus XXI - criaturas muito obesas, e/ou esguedelhadas, e/ou com comportamentos agudos e atípicos...

Cada qual terá o seu catalisador do riso, e nas situações em que Hal se diverte com as musas, a piada estará ou na inconsciência do logro, ou na extroversão das meninas, antes habituadas aos cantos e às sombras.

Enquanto que altruísmo, inocência e honestidade se traduzem em magnetismo pessoal, egoísmo e indirectões, traduzem-se numa aparência repulsiva. É por isso que Hal vê uma jovem enfermeira como uma velha cinzenta e zangada, enquanto que as crianças da unidade de queimados, onde trabalha a sua paixão Rosemary (Gwyneth Paltrow), são pessoas sem mácula.

Comenta-se que, para lá de divertir, *Shallow Hal* desperta sensações «estranhas», que deverão ser o conflito entre a moral vigente durante o filme, e as regras para depois do filme... tudo temperado com a relutância de quem se considera adulto (formado) e não está para repensar o jogo que joga todos os dias.

No dia seguinte, a pessoa que riu e reflectiu, vai passar desodorizante nos sovacos, não vai conseguir olhar nos olhos aquele mendigo terrivelmente deformado e virtuoso com a gaita de beiços, mas vai apreciar o físico afoito de certa Bardot ou de certo Cruise, e vai cumprimentar quem lhe apetecia esmurrar, e vai estar longe de quem lhe apetecia que estivesse perto, e vai ser simpática para quem a olhar de cima, e vai terminar a jornada consumida por uma sequência de socializações, algumas muito *shallow* (vazias de sentido).

Não se iluda: *Shallow Hal* é mesmo uma comédia. Mais uma comédia, de quem mais não faz do que comédias: os consagrados irmãos Peter e Bobby Farrelly - os mesmos de *Osmosis Jones*, *Me Myself & Irene*, *There is Something About Mary*...

Mas é uma comédia que, para lá de recorrer às estratégias clássicas, como o riso por exagero - quando Rosemary salta para a piscina e faz um *splash* que lança uma criança para uma árvore, ou quando Rosemary sorve um batido familiar num estalar de dedos - recorre ainda a algo de subliminar...